

# ECOS

## da Academia de Saberes



---

Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

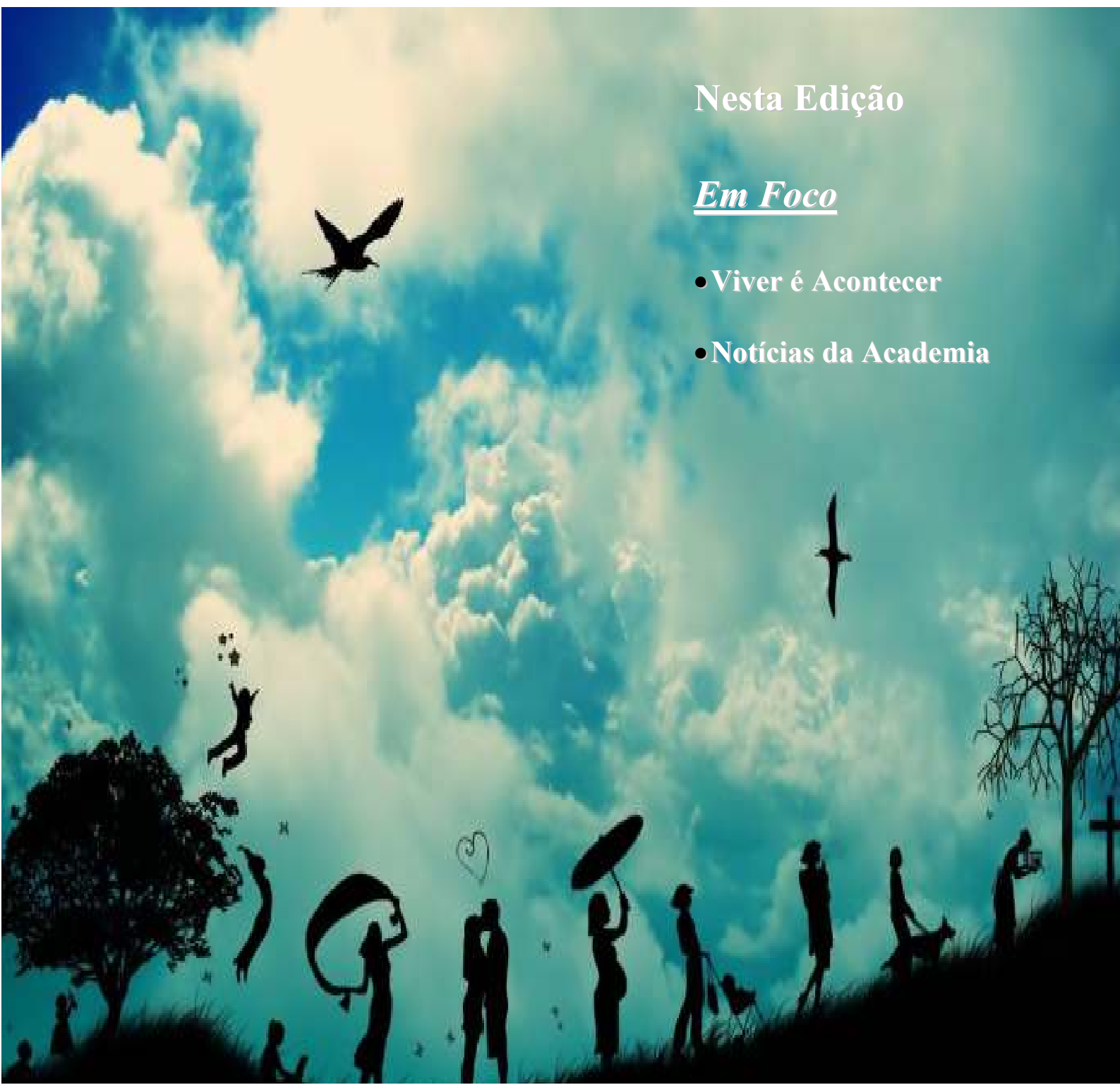
---

Ano VIII - Nº 1 Dezembro 2013

Nesta Edição

*Em Foco*

- Viver é Acontecer
- Notícias da Academia





## Ficha Técnica

*Ecós da Academia de Saberes*  
Academia de Saberes de Aveiro

### Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

### Informatização e Paginação

António Coutinho Dias e Maria Cacilda Marado

**Nota:** Escrito de acordo com a ortografia antiga.

### Colaboradores desta edição

Aida Viegas  
Albertina Vaz  
Anne Bartlett  
Conceição Matias  
Conceição Neiva  
Conceição Seabra  
Domingos Cardoso  
Graciete Manangão  
Ilda Pires  
Isabel Maria Almeida  
José Cachim  
José Carreto Lages  
Manuela Cadete  
Maria Cacilda Marado  
Maria Celeste Salgueiro  
Maria da Glória Simões  
Maria Elisete Lebre  
Maria Helena Fidalgo  
Maria Teresa Albuquerque  
Maria Vieira Sarrico  
Sílvia Paradela  
Vítor Marques

## Editorial

Viver é acontecer.

Viver é procurar razões para não desistir.

Viver é celebrar: a alegria, a partilha, a esperança, o entusiasmo, a vida!

Celebramos mais um Natal. Que esta quadra natalícia seja festa para cada um de nós e razão forte para fazer da vida um eterno renascer.

*O Ecós da Academia de Saberes* deseja a todos os academistas um doce Natal.

*Maria Cacilda Marado*

# Notícias da Academia

## ADSA

Nasceu num dia de chuva forte e intensa do início do mês de Novembro de 2004, após meses de uma seca que levou muitos fiéis a preces e missas, para que as nuvens se enchessem e se deixassem cair sobre a terra sequiosa.

Éramos meia dúzia de dezenas de entusiastas, interessados em dar alguma razão às suas vidas, entradas num período de acalmia que, por vezes, se tornava numa perturbante indefinição de metas.

As aulas divididas por espaços diferentes no centro da cidade não possibilitavam grandes contactos e não ofereciam muita informação do que cada um sentia, do que cada um esperava da recém formada Academia de Saberes.

Era pequena a oferta de Áreas - Inglês, Música/bandolins, Educação Ambiental, Defesa do Consumidor, História das Religiões, Património e Poesia. Mas muita a vontade dos formadores de motivarem os seus novos alunos, e muita a vontade dos formandos de aprenderem ou reaprenderem novos conhecimentos e até de realizarem sonhos que uma vida de trabalho não lhes possibilitara. A troca de impressões mais enriquecedora aconteceu pelo Natal, quando nos reunimos para conviver e almoçar num restaurante e, entre canções, poesias e trocas de presentes, apercebemo-nos de que já havia despontado uma ténue rede de afectos, de cumplicidades, que nos haveria de sustentar.

Pelo mês de Fevereiro, pairava no ar a incerteza de que as salas cedidas pela edilidade estariam prometidas e comprometidas com outros parceiros e uma certa inquietação começou a tomar conta de nós.

Temia-se pela continuação dum projecto que mal balbuciava. Mas os deuses protegem os audazes e não nos deixaram naufragar nas águas revoltas que nos tinham renunciado.

Entretanto, já começámos as visitas de estudo dentro do distrito e ainda a Coimbra e Conimbriga, a Tomar, a Lisboa e a Braga - esta para comprar os bandolins. Estas saídas começaram a proporcionar-nos mais convívio, mais tempo fora das quatro paredes das salas de aula, mais tempo para afirmarmos as nossas relações interpessoais e acrescentarmos mais conhecimentos, partilhando-os.





A Páscoa foi também celebrada. E como o tempo corre célere chegou o fim do ano lectivo, que foi já marcado por uma pequena apresentação, no palco da Auditório das Florinhas do Vouga, das nossas “habilidades”, depois da qual foi servido um opíparo lanche ajantarado, confeccionado pelas sócias da Academia e apresentado com requintes próprios de um restaurante de uma estrela Michelin. A primeira visita de estudo ao estrangeiro realizou-se já no início de Julho, com uma participação significativa de sócios e levou-nos à Ilha Esmeralda, como é conhecida a Irlanda.

Após merecidas férias, as inscrições para novos sócios e para o ano lectivo 2005/2006 registaram um aumento de quase 100%. Aquilo que conseguíramos transmitir à cidade fora motivador para que as pessoas aposentadas de Aveiro e dos concelhos limítrofes viessem até nós, no sentido de preencherem melhor o seu tempo de aposentação, dando Vida aos anos.

As instalações eram precárias, havia uma vaguíssima hipótese de nos podermos instalar com mais alguma estabilidade, mas era tudo muito incerto.

As dúvidas desfizeram-se quando, em Outubro de 2005, estando reunidas com os formadores, recebemos a visita do então recandidato a Presidente da Câmara que *in loco* se apercebeu do vigor e da seriedade dos nossos propósitos, e cedeu de imediato à Academia de Saberes de Aveiro, então já constituída por escritura pública e com corpos sociais eleitos, as instalações que, desde então, ocupamos e que já há muito se tornaram exíguas para os 425 sócios activos que somos na presente data.

Com 42 turmas, 25 formadores em 24 áreas diferentes, a Academia de Saberes de Aveiro, apresentada naquele chuvoso dia de Novembro de 2004, oferece, efectivamente, aos seus sócios e à cidade, a oportunidade de valorizar um tempo em que temos o direito de usufruir, após uma vida profissional activa. E a cidade vai reconhecendo que já somos uma força viva e representativa!

Continuamos a necessitar de um espaço que permita um convívio mais alargado de todos os nossos sócios, para que, nos tempos livres, possam encontrar-se, conversar, trocar ideias, em suma, possam fortificar os elos que os ligam a **esta associação, que nasceu para promover, assegurar e manter uma integração harmoniosa dos seus associados na sociedade em que estão inseridos.**

*Maria Teresa Coutinho Albuquerque*

## “Grupo de Cantares”

O “Grupo de Cantares” desta Academia, recentemente criado, com cerca de 25 participantes, está em franca expansão, orientado pela jovem formadora, Susana Ferreira.

Assim, congratulamo-nos por termos sido convidados a actuar em diferentes espaços, nomeadamente, no Museu de Aveiro, dia 30 de novembro, para participar numa apresentação de um livro, cujos direitos de autor reverterão para uma instituição de solidariedade social.

Estão também previstas mais quatro actuações no mês de Dezembro, do corrente ano: no C.E.S.D.A, no Paço, no Lar de Idosos da Vera Cruz, novamente no Museu de Aveiro e ainda no almoço de Natal da Academia, dia 17, no Hotel Imperial.

Os animados cantores do Grupo são acompanhados por instrumentistas musicais, com viola, cavaquinho, bandolim, percussão e acordeão.

GM

## Caminhadas

Este ano lectivo tivemos mais sorte com o tempo! Assim, fizemos três actividades.

No dia 27 de Setembro, 17 pessoas caminharam da Praia de Lavadores até Afurada. Visitámos a Reserva Natural do Estuário do Douro. Foi o fim da semana europeia de observação das aves; por isso, havia técnicos com binóculos e telescopia. Eles mostravam as aves e explicavam a importância da Reserva e das outras reservas como lugares onde as aves podem parar para descansar e comer durante as migrações. De outro modo, podem morrer de fome ou de exaustão. Tivemos a sorte de ver as aves de mais perto.

Continuámos até Afurada, onde almoçámos e visitámos o Centro Interpretativo do Património da Afurada, para ficarmos com a ideia de como foi a vida antigamente e é hoje.

No dia 15 de Novembro, caminhámos de Miramar até à Praia de Granja, visitando a capela do Senhor da Pedra, situada mesmo nas rochas da praia. Subindo as escadas atrás da capela, tivemos a sensação de ser um barco com as ondas nas rochas! Também visitámos o centro Ambiental das Ribeiras com peixes e répteis das águas doces das ribeiras, tendo sempre o apoio de biólogas que esclareciam as dúvidas que iam surgindo.

No dia 23 de Novembro, foram sete as pessoas que percorreram, a partir de São Bento, as ruas menos conhecidas, com vistas sobre o rio Douro. Parámos





nos jardins do Palácio de Cristal, comemos aí uma sopa e uma sandes antes de continuar até à Rua do Campo Alegre onde fomos para um bazar de Natal muito inglês. O regresso a São Bento fez-se de autocarro. Todos os participantes gostaram muito da visita.

Nos próximos meses, espero que possamos dar mais passeios. O convívio fica tão bom com o ar fresco e o exercício!

Anne Bartlett

## Clube de jardinagem

Em Outubro e em Novembro foram realizados encontros do clube de jardinagem. Houve menos sócios do que no ano passado, talvez porque temos aulas de jardinagem. Mesmo assim concordámos em que vale a pena continuar. Trocamos plantas, sementes e revistas. Resolvemos problemas, falando uns com os outros. Ouvimos também um relatório sobre um *workshop* de charcos e uma explicação de poda às roseiras.

Se qualquer pessoa quiser partilhar experiências de visitas, *workshops*, acontecimentos, ideias para visitas, por favor, venha e partilhe.

Anne Bartlett  
Manuela Cadete  
Maria Vieira Sarrico

## Dinâmica de Grupos

Na cadeira de Dinâmica de Grupos que este ano se iniciou na nossa Academia, tentamos sobretudo dar atenção e activar o lado direito do nosso cérebro. Aqui, falamos de emoções, de sentimentos, de intuição, de criatividade... Queremos descobrir quanto há em nós para além daquilo que já conhecemos. Tentamos deixar a nossa criança viver e sonhar. E vejam só o que acontece quando a libertamos, deixando-a sonhar sem qualquer entrave:

“Era uma vez a Constança. Tão pequenina e tão grande, caminha pelo universo fora, devagarinho, vai até além da vida. Alegre, feliz e sorridente, vai a linda nuvenzinha, a Constança, naquele céu azul, coberta de uma mantinha cinzenta, a caminhar lentamente e...até sempre.”

“Era uma vez uma nuvem com muitos caracolinhos. Por este motivo foi baptizada com o nome de Bia. É tão alegre e vivaça...Mas tem um pequeno senão: tem medo do sol. Daí ser uma nuvem negrinha.

Com os seus caracolitos a esvoaçar, só resolve aparecer nos dias nublados. Umaz vezes aparece e desaparece sem deixar rasto. Outras, chora, chora, chora... e assim se forma a chuva. E a nossa Bia fica por fim feliz ao ver, cá em baixo, o colorido de tantos guarda-chuvas.”

“Era uma vez...

Acordei mal disposta. As insónias deram-me cabo da noite, só adormecendo, cansada, de madrugada. Começaram as rotinas do dia-a-dia, sempre o mesmo, sempre o mesmo...

Ao chegar ao pátio, olhando o céu, vejo uma nuvem que me pareceu um crocodilo. E lembrei-me do meu neto e do nosso costume de inventar seres que as nuvens nos fazem lembrar.

O azedume passou rapidamente, ficou a felicidade que tenho por ter um neto que é o sol da minha vida”.

Estes textos apareceram numa “aula” (chamemos-lhe antes encontro-relação de pessoas que interagem), a propósito de histórias sobre as nuvens.

Ilda Pires

## Planeamento e comunicação

Palestra proferida pelo Professor Felisberto Reigado, no âmbito da área de Comunicação

No dia 12 de Novembro, a área de Comunicação teve o privilégio de ouvir o Professor Reigado reflectir sobre a importância da Comunicação no Planeamento, referindo que o planeamento não se confunde com o plano que lhe subjaz. O planeamento é um processo que começa com a identificação do problema e continua com a elaboração do plano, a sua implementação, coordenação e controlo. Passa por várias fases, num processo de troca de informação, vertical e horizontal, processo de aprendizagem de cognição e de interacção, sendo a comunicação fundamental para o seu êxito.

O planeamento é um sistema de sistemas: sistema político e sistema técnico; sistema nacional e sistema regional.

No que à teoria ou teorias de planeamento diz respeito, importa distinguir teorias de planeamento de teoria no planeamento, dado que as primeiras preocupam-se com o corpo teórico que suporta e dá corpo a qualquer processo de planeamento; as segundas com o planeamento específico de sectores





particulares (transportes, saúde, educação, C&T, etc).

Assim, no que se refere ao processo de planeamento, em geral, este deve ser visto como:

Um processo que ganha forma no tempo; um processo participativo, um processo onde se distinguem várias etapas; um processo de escolha; um processo onde a flexibilização e a fixação devem andar lado a lado; um processo de criação e de troca de informação (comunicação); um processo de aprendizagem ; um processo cognitivo que ganha corpo na permanente busca de respostas para as dúvidas que vão surgindo. Em suma, um misto de ciência e de arte a requerer inovação e criatividade!

*Área de Comunicação*

## **Passeio à Guarda e a Castelo Branco**

Foi numa terça-feira, dia 22 de Outubro, que um grupo de formandos da área de Comunicação e outros academistas iniciaram o seu percurso a terras da Guarda e de Castelo Branco. O céu estava plúmbeo; a noite fora chuvosa, mas, à hora aprazada, todos estiveram presentes à chamada. A viagem até à Guarda decorreu numa grande expectativa agudizada muitas vezes no rebrantar das bátegas nas janelas do autocarro. E se a chuva não pára? E se o vento lhe dá as mãos? E se o condutor não segura o autocarro? E se o hotel fica longe do autocarro? E se nos molhamos todos? Eu tenho asma, eu estou muito constipada, eu tenho problemas ósseos. Enfim, temores, expectativas, ansiedades mais do que justificadas.

Chegámos à Guarda, à parte velha da cidade, à Sé Catedral, à judiaria. O vento soprava loucamente, a chuva espalhava-se nas lajes do largo da Sé. Entrámos na catedral e, por alguns momentos, viajámos no tempo, no tempo da construção do monumento, no tempo dos que lhe foram dando forma e vida. Sentámo-nos nos cadeirais, sentimos as “misericórdias” que deram descanso a muitos clérigos já velhinhos, apreciámos os diferentes estilos arquitectónicos – gótico, manuelino, renascença - , saboreámos a ausência da chuva que, lá fora, caía implacavelmente.

Mas, como *não há bela sem senão*, tudo passa, tudo é fugaz, esperava-nos mais um desafio: a visita à torre de Menagem. Debaixo de chuva torrencial, aí fomos nós, ladeira acima até almejarmos um assento na sala de projecções onde visionámos a

Guarda de ontem e de hoje, a vida destes egitanienses os valentes que dominaram as montanhas e as humanizaram.

Seguiu-se o almoço, um momento alto para curar as agruras do tempo e à tarde, milagre dos deuses, debaixo de um sol acolhedor, espriámos-nos por Almeida e, no museu, embrenhámo-nos nas batalhas da nossa história. Regressámos por Castelo Bom, uma outra aldeia histórica que veio completar o *puzzle* dos feitos militares dos nossos antepassados.

O jantar foi reconfortante, os ânimos aqueceram com a qualidade da refeição e com a sã amizade que nos uniu. Houve cantares populares a animar a festa, rodopiou-se ao som do bombo e do acordeão e de outros instrumentos musicais. Festa rija, barulhenta. O eco quando se torna dissonante magoa!

Depois, foi o justo descanso do guerreiro num hotel mimoso e acolhedor. O dia seguinte começou pela visita a Idanha-a-Velha que se deixou ver nos reflexos de um sol acolhedor. A catedral gótica, o museu de azeite, a casa do senhor, as ruas enfeitadas de jardins pendurados nas janelas, a ponte romana, a igreja foram alguns dos locais que visitámos. O almoço teve cabrito e javali a que se seguiu um inóspito passeio pelas ruas de Vila Garcia à cata de objectos de artesanato. Pretensão gorada e, afinal, nunca satisfeita. Quando, ao regressar parámos em Sabugal para trazer algumas recordações, não havia viva alma, pois a chuva caía a potes.

Se valeu a pena ir às terras altas do nosso Portugal? Claro! Mesmo com a contrariedade de o autocarro ter ficado sem fôlego. Como diz o poeta:” *Tudo vale a pena quando a alma não é pequena!* E os academistas são gente notável.

*Maria Cacilda Marado*





## Ainda sobre a viagem

Gostei tanto que até a chuva soube bem. Potenciou a partilha, a solidariedade entre os participantes.

O mar faz-me sonhar. O que vi neste passeio de montanhas fez-me sentir pequenina novamente.

Nada melhor do que um convívio salutar onde a amizade se conjuga com o amor pela natureza e pelo património.

Encantada. Grata por esta oportunidade.

Guarda cidade rica em património histórico e natural. A cidade dos cinco efes: forte, formosa, farta, fria e fiel.

Quem faz a festa é quem lá vai. A nossa festa (o nosso passeio) foi ótima.

Uma visita cultural muito rica, a oportunidade de adquirir muitos conhecimentos sobre as aldeias históricas tão ricas em património cultural.

A “viagem “gastronómica foi de cinco estrelas.

*Alma até Almeida* foi o lema, perante as adversidades do clima desse dia.

A oportunidade de apreciar um povo que resiste à desertificação com uma força indomável.

*Área de Comunicação*

## Viver é acontecer

(Tema envolvente da Área de Comunicação)

### Relatividade

Tudo na vida é passageiro, relativo.

O que hoje cremos ser certo e imutável,

Amanhã se nos depara evolutivo,

Ao ver real, o que nem era imaginável.

Valorizamos de momento um inimigo.

Estoirmos hoje de raiva deplorável,

Adoramos nosso dinheiro, qual amigo!

Tristes, morremos de paixão, dor adorável.

Há aqueles que vivem para além da morte,

Pois maus ou bons, os seus feitos foram tais,

Se avolumou fama e vulto, com tal porte,

Que ultrapassaram a sina dos mortais.

Outros vagueiam, pela vida, sem ter norte,

E, ainda vivos, ninguém os lembra mais...

*Aida Viegas*

## Degustar a Vida

Gosto, gosto, gosto, gosto de viver.

O mundo tão belo, eu gosto de ver.

Gosto, à noitinha, da luz do luar,

Como uma criança, gosto de brincar.

Eu sempre gostei meus bens partilhar,

Por terras distantes, de ir passear.

Da sombra das árvores, gosto sim senhor,

Gosto de seus frutos de belo sabor.

Água cristalina, gosto de beber,

O mar agitado, eu gosto de ver.

Doces criancinhas, gosto de ensinar,

Mas, eu gosto mesmo, gosto de pintar.

Eu gosto de ver belos passarinhos,

Que andam contentes a fazer os ninhos.

Nos jardins e campos, eu gosto das flores,

Seus ricos perfumes, suas lindas cores.

Gosto de acordar, c'ô dia a nascer,

O pão da ventura, gosto de comer.

As águas dos rios, calmas a passar,

Ou em catadupas, eu gosto de olhar.

Bosques verdejantes gosto de encontrar.

Sob um céu azul, gosto de sonhar.

Na paz, entre os povos, sinto alegria,

Nas nuvens, eu gosto de ver fantasia.

Não gosto da fome, que me faz penar.

Não gosto da guerra, que me faz chorar.

Não gosto da dor, que me faz sofrer.

Nem da injustiça, que faz doer.

Do qu'eu nunca gosto é dizer adeus,

Choram os meus olhos, ao deixar os teus.

Gosto da alegria, gosto de dançar.

Músicas ligeiras gosto de cantar.

Eu gosto da luz e gosto da cor.

Gosto de sentir a tua mão Senhor,

Tua mão amiga, que me vem guiar,

Nesta vida errante. Eu gosto de amar.

*Aida Viegas*





## Viver é Acontecer

Viver é acontecer...  
 Encontrar em cada dia  
 Momentos bons ou sem cor  
 De tristeza ou de alegria,  
 De amizade ou desamor.  
 Viver é acontecer...  
 Ver o tempo a desfilar  
 A galope ou devagar  
 Sem nada poder fazer  
 Para parar a corrente  
 Sempre em direcção ao mar...  
 Não podemos desistir,  
 Temos de em frente seguir  
 E de novo renascer,  
 De novo continuar.  
 Viver é acontecer...  
 Deixar a vida fluir,  
 Cada instante eternizar  
 Deixá-lo em pujança abrir  
 Porque não pode voltar!  
 Deixar atrás o passado,  
 Deixar ficar na lembrança  
 Apenas o que foi bom  
 E nos deu felicidade.  
 Nunca perder a esp'rança.  
 Viver é acontecer...  
 Encontrar uma amizade,  
 Encontrar um grande amor  
 Vermos alguém a partir  
 Deixando atrás a saudade.  
 Descobrir na própria dor  
 O caminho da verdade.  
 Não deixar sonhos voar,  
 Agarrá-los com a mão,  
 Guardá-los no coração,  
 Vivê-los em cada dia  
 Pois no milagre da Vida,  
 Em tudo o que acontecer,  
 Pode acontecer Poesia!...

*Maria Celeste*



## Viver é Acontecer

Acontece que na Vida  
 Desde o nascer ao morrer,  
 Quer alegre, quer sofrida,  
 Tudo pode acontecer!...

O melhor é aceitar  
 Que tudo dela faz parte,  
 Erigindo um pilar  
 Com algum engenho e arte!...

Esta é a filosofia  
 Que me dita a humildade,  
 E que minh'alma alumia  
 Quando a tristeza a invade!...

Viver clama reflexão,  
 A Vida cobra-nos tanto...  
 P'la sua fascinação,  
 Pelo seu real encanto!

A Vida é amarga e doce  
 É um susto e um prazer!  
 Se nos tem em sua posse...  
 É deixar acontecer!!!

*Silvia Paradela*

## Escrita Criativa

### Cumplicidades

Uma poça de água no chão espelha as pontas esguias das árvores onde as folhas começam a rebentar. Há flores por toda a planície e sabe bem pressentir o renascimento que se aproxima. Quem dera que o sol apareça! Faz-nos falta sorrir ou fazer sorrir uma criança...

Anda, vem comigo, anda daí: vamos chapinhar num charco de água e rir quando nos molharmos e os pingos da lama nos sujarem o vestido que já não vestíamos desde o ano passado. Está frio, eu sei! Mas vamos lá saborear a água, como quando eu era menina e saía de casa a correr – porque eu podia correr na rua, sabes – e vamos sujar os sapatos e pegar na lama e pintar a cara e fazer asneiras... Só hoje que a mãe não vê!

Anda, vem daí: vamos correr pela praia e atirar areia ao ar e sentir o cheiro a maresia e os pingos das ondas que rodopiam no mar. Vamos senti-las e





lamber os braços que sabem a sal e correr, correr – espera por mim, que me dói... eu vou já! Espera aí! Que bom sentir a tua mão na minha e a outra a limpar-me o sal da água e os salpicos das ondas.

Vamos construir um castelo de areia: vamos fazer um grande monte e depois dar forma às ameias e fazer um fosso a toda a volta – eu sei, eu sei – uma ponte para a princesa sair ou para o príncipe entrar. Sim, vamos pôr uma bandeira lá na torre mais alta: isso, traz esse pauzito da duna e vamos fazer um desenho neste lenço. Que lindo: esvoaça com o vento. Vamos apanhar conchinhas e fazer uma muralha de rendas à volta das janelas. Olha a bandeira, parece uma nuvem branquinha a descer, a descer e a desfalecer-se lá longe no horizonte, perto do mar...

Deitarmo-nos na areia húmida? Mas depois ficamos todas ensopadas... Vamos lá, tens razão: vamos fazer tudo o que é proibido, hoje! Que lindo o céu – está cheio de nuvens! A correrem dum lado para o outro: aquela parece que sopra nas outras todas. O quê? Achas que sim? Estarão mesmo a brincar às escondidas? És capaz de ter razão... Aquela é um urso? Será? Dizes que vai a correr atrás da menina? Mas eu não vejo menina nenhuma... pois é, já não vejo muito bem! Gosto que vejas por mim: ensinas-me o que eu já não consigo ver.

E se nos fôssemos rebolar pelas dunas de areia, aquelas ali que não têm picos? Que me dizes? Mas depois ficamos todas sujas, estamos molhadas e... deve ser bom, deve! Vamos lá! Espera, olha o que aqui encontrei... Sabes o que isto é? Um ninho com ovinhos tão pequeninos. Não lhes mexas: a mãe deles pode não gostar! Qualquer dia voltamos cá para ver os passarinhos a abrir os biquinhos e a pedir de comer. São tão lindos: nunca viste um ninho de passarinhos? Está combinado, noutro dia temos de vir cá à procura deles. Vamos lá ver se eles se deixam mostrar.

Vamos molhar os pés? Com meias e tudo? Vamos lá, anda daí! Vamos procurar nas rochas das escarpas aqueles peixinhos pequenos que se escondem quando aparecemos e até talvez, se metermos bem a mão por baixo... espera aí – é um polvo! Está a agarrar-me os dedos o malandro. E tu ris-te? Deixa-o ir pela maré acima em direcção ao mar. Dantes, sabes, era fácil encontrar mexilhões, berbigões e outros bichinhos de casca. Às vezes, vinha cá com a tua mãe e apanhávamos uma quantidade deles para abrimos ao lume e comermos quentinhos ainda a saber a água do mar. Estás com fome? Fome de quê? Um leitinho? Ou um pão com manteiga?

Se eu quero comer um gelado? Eu querer, queria

mas achas que não nos faz mal? É que ainda está muito frio e podemos ficar doentes. Esquece, vamos lá comer um gelado e até podemos andar naquela cavalinho que sobe e desce, e desce e sobe, como se nunca quisesse parar. Depois, fazemos uma história de cavalos a correr no deserto e de pessoas felizes a saltar com eles e de ursinhos e patos... os patos não andam atrás dos ursos? Isso é o que tu pensas... Eu já vi um pato a debicar no pé de um urso. Não era um Panda não, era um urso vulgar: olha, podes crer! Enganei-te: foi no circo!

Claro que não podemos brincar assim todos os dias, mas depois tomamos um banho, vestimos uma roupa florida, aquecemo-nos na lareira e tomamos um chocolate quentinho. As duas, sim! E quando nos perguntarem, porque estamos a rir, rimos ainda mais e não contamos nada a ninguém. É um segredo – dizemos. Nosso, só nosso e eles vão ficar roídos de inveja de nós, porque já não sabem o que é rir. Depois, vão dizer-me que sou pior do que tu, que faço asneiras, que te levo a fazer asneiras e nós, e nós – vamos rir ainda mais!

Em seguida fazemos um prato grande de pipocas, sentamo-nos muito quietinhas, eu vou buscar aquela manta quentinha para aquecermos os pés, e vamos ler aquela história que já não vimos há muito tempo. Sim, pode ser essa! A que tu quiseres: o mais importante é que vamos ler juntas!

E eles vão dizer: já andaram a fazer asneira! E nós, com o ar mais pacífico deste mundo, vamos responder: nem pensar! Fomos apenas ver o mar!

É que eles não sabem que nós sabemos que há coisas boas que não se podem fazer mas que, em dias especiais, fazem despertar em nós aquela cumplicidade que só existe quando se cultiva e só floresce quando se alimenta.

*Albertina Vaz*

## Se bem me lembro

*Quem nunca roubou rosas jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas. Cito Clarice Lispector. Li estas suas palavras (aliás, li toda a crónica *Cem anos de perdão*) com um sorriso nos lábios, sentindo-me conivente, desejosa de peregrinar pelos quatro cantos do passado e recuperar imagens, fazê-las ganhar voz, fazê-las dançar como marionetes na ponta dos meus dedos. Se bem me lembro, também eu, em garota, roubei flores. Vivía então numa cidadezinha com sotaque bucólico, onde não faltavam palcos faz-de-conta*







para lúdicas actuações: saltar à corda, jogar às escondidas, à macaca, ao ringue, ao lencinho.

Nas cercanias do liceu (que todos nós, aos dez, onze anos, já frequentávamos) ficava o Jardim do Campo. No Campo, havia espaço para os pés correrem, havia um coreto cúmplice das nossas brincadeiras, havia flores, árvores, bancos pintados de verde. Havia também um jardineiro que detestava a garotada. “Ah, seus malandros, se eu vos apanho!” O rosto do homem tinha acentuados traços de caricatura. E aquele bigodaço, céus! Aquele bigodaço (descomedidamente adubado, desprimorosamente podado) metia respeito. Como se isso não bastasse, o fulano costumava ilustrar as suas ameaças brandindo uma pá ou um ancinho. “Ah, seus malandros!”

Nós éramos pré-adolescentes correctos, aprendendo aos poucos a conjugar certos verbos socialmente incorrectos: desafiar, transgredir. Isso incluía: alguma poluição sonora; alguns resíduos escolares à deriva no lago; uma ou outra pegada não ecológica sobre a relva. Pouco mais. A tesoura de poda acirrando o nosso engenho e a nossa ousadia.

Eu especializei-me no roubo do amor-perfeito. Um membro da família das *Violaceae* sem qualquer sentido de humor. Pescocinho curto, semblante pensativo de filósofo de jardim. Talvez por isso mesmo. Ou por haver tantos cerrando fileiras em defesa dos canteiros. Eles à defesa, eu ao ataque. Os joelhos como molas, a mão certa. Mas só dava mesmo gozo quando o jardineiro presenciava. “Corre, corre, ele vem atrás!” E se eu corria! Arfante, vitoriosa. O amor-perfeito acabava espremidinho entre as folhas de um compêndio, a ganhar pouco a pouco aquela tez desbotada, desidratada, de quem nunca tira o nariz dos livros.

Há vários meses que o jardineiro me trazia debaixo de olho. “Ai se eu te apanho!” Um dia apanhou mesmo. Portou-se como um inquisidor, disparando ordens por baixo do bigodaço: “Abre as mãos!” “Vira os bolsos do avesso!” “Levanta os braços!” “Sacode a saia!” O amor-perfeito a mordiscar-me a língua, a fazer-me cócegas no céu-da-boca, mortinho por furar a barreira dos meus dentes. Eu a rir por dentro, a rir por fora, receando deitar tudo a perder. Mas lá me aguentei.

“A que sabe um amor-perfeito?” Se bem me lembro, muitas vezes me fizeram esta pergunta. Ou variações brejeiras desta pergunta. Todas as minhas respostas se diluíram no tempo. O mistério continua: *afinal a que sabe um amor-perfeito?*

*Helena*

## Ilusão

Estendo meu olhar sobre o mar  
Nesse êxtase mergulho meus sonhos  
Cada onda é um desencontro  
Neste turbilhão que é a vida...  
Tapo os olhos com pétalas de sal  
P’ra não ver  
A menina da minha ilusão  
Na espuma branca desaparecida!...

Olhos d’água, cabelos de luz  
Cobertos por um véu  
Atados por um laço de maresia  
Essa menina  
É agora uma mulher que corria  
Atrás da vida, que teimosamente venceu...  
Sua quimera um lamento  
Guarda nela a ternura que lhe deu!...

*Isabel Maria*

## Tentação

“O vento está dormindo na calçada”

Mário Quintana *in* “A rua dos Cataventos” pág. 20.

O vento está dormindo na calçada  
A tempestade o pôs fora de portas  
Já ia alta a noite, a horas mortas,  
Quando ele entrou em casa de madrugada.

Andou a perseguir uma nortada  
Que se agitava amena, em curvas tortas,  
Pelos campos lavrados, junto às hortas,  
E nela se enredou, noite fechada.

Não foi, de modo algum, um caso sério  
Somente as aparências de adultério  
Que agora paga, exposto ao pó da rua.

Em casa todos dormem sem cuidados  
Só os raios do luar, sempre acordados,  
O cobrem com a luz que vem da Lua.

*Domingos Cardoso*

(2º prémio no concurso de poesia Agostinho Gomes da Biblioteca Municipal Ferreira de Castro de Oliveira de Azeméis).





## Para além da escuridão...

Momentos sombrios, desesperantes  
 Profundamente sentidos,  
 Com obscuras emoções  
 E palavras choradas,  
 Arrastam tristeza infinita...  
 Mas, uma persistente “Esperança”  
 Encarando a “Luz”,  
 Em todo o seu esplendor,  
 Envolve-se, acredita...  
 E surge a mudança!

*Conceição Neiva*

## Saudade...

Aconteceu assim, foi de repente,  
 Sem haver um motivo, uma razão;  
 Como nasce uma flor, uma canção,  
 Como sucede à noite o sol ardente.

Aconteceu assim naturalmente:  
 Olhei-te e dei-te logo o coração.  
 Consumou-se depois nossa união,  
 Eramos dois, ficámos um somente.

O tempo foi passando e em cada dia  
 Partilhámos da dor e da alegria,  
 Encontrámos no Amor a felicidade.

Mas eis que tu partiste sem contar,  
 Sem um adeus sequer, sem um olhar  
 E em minha vida aconteceu Saudade.

*Maria Celeste*

## Em luta com a “Vida”...

É um constante desafio!  
 Invariavelmente,  
 Em todos os momentos,  
 A vítima busca ser sobrevivente...  
 E, quando termina a contenda,  
 Conclui, finalmente,  
 Que houve muito esforço em vão,  
 Pois a vida não é para guerrear  
 Mas apreciar, valorizar...  
 Ser “bem vivida”!  
 E o mais importante e desejável  
 Será sempre, profunda realização!

*Conceição Neiva*

## Postal da neta joana

Querido Avô

Desta vez a carta vai sem pontos e outros sinais para poupar tempo e escrever sempre a direito e não parar para pensar porque quando falo contigo também não ponho pontos finais Só paro para respirar

Nessa escola para mais velhos até vos chamam de terceira idade porque eu sou de uma o meu pai de duas e tu és da três

Aprender a comunicar não sei para quê porque sempre entendi o que tu queres e às vezes quando o Benfica perde até nem falas nada e só te vejo a dar socos na cadeira que não te fez mal nenhum nem tens nada que dizer à cadeira que estás mal disposto que ela não tem culpa nenhuma será que quando dás socos estás a comunicar parece que sim pois às vezes na televisão também vejo uma senhora a mexer mãos e braços e a fazer caretas a querer dizer qualquer coisa a outras pessoas afinal também está a falar sem abrir a boca

Não me apetece dizer mais nada mas gosto mais de ver a tua cara quando o Benfica ganha

A comunicação aí é perfeita até te ris

Um beijo da

Joana

Não te esqueças dos meus sapatos na chaminé

Joana outra vez.

*Cachim*





## Sonhos

Ambígua e subtil sensação de soledade  
Que eu pressinto no meu espírito apenas  
Mas que em minh'alma sinto na realidade  
Como se fossem flores murchas, humildes e pequenas.

Porém, de súbito, ressoam em mim cantilenas  
Que eu vibrantemente canto com veleidade  
Esquecendo por fugaz momento as minhas penas  
E coisas maravilhosas de que tenho saudade.

Sonho então que sou belo e níveo lírio  
Resplandecendo ao sol de cada dia  
Deslumbrando-me com o fulgor solar em delírio.

Mas cessa de viver o lírio e nasce a cotovia  
Que continuamente entoa seu canto de agonia e martírio.  
Ah, como ela, que é livre, é que eu ter nascido devia!

*G.A. (28-3-1967)*

## A Visita

Depois que o carro funerário levou o marido, desligara-se do mundo, matutando frequentemente se não seria preferível ter ido com ele. O filho e a nora viviam a centenas de quilómetros, em rotina do quotidiano, e só muito espaçadamente lhe adoçavam a solidão e a saudade, em curtas visitas.

Natália fazia-lhe a lida dos serviços domésticos e as parcas compras necessárias a cada dia, desde há mais de dez anos, mesmo antes da doença que minou a robustez do marido e lhe ceifou a vida.

Natália era uma moldava esbelta, cabelo curto e muito claro, divorciada, com uma filha a seu encargo, ainda adolescente, a estudar na Moldávia, onde frequentava uma escola de estética. Quase todos os anos, a filha de Natália vinha a Portugal, em férias, com viagens sempre pagas por ela, já antes de ficar viúva.

Afeiçoara-se à docilidade da empregada moldava, gostava da sua presteza e asseio, o que cimentara recíproca dedicação. No vazio dos espaços do apartamento, infiltrou-se e crescia um silêncio frio, que agredia a natureza e o bem-estar das ocupantes. Encarcerada numa irrequieta solidão, procurava ocupar-se, partindo do insípido espaço de uma sala, para o espaço agressivo de um quarto, e depois para o vazio de um outro quarto e, pouco depois, para a ilusão de outro, irritando-se ao regressar à sala sem

nada lá fazer nem ter que fazer, e, após um esboçado esbracejar preguiçoso, penetrava no vazio do pensamento, rebuscando minimizar o mal-estar que dela não se desprendia.

Reencontrar a paz no seu interior. Era o seu desejo. Para isso, relia, sem êxito, pequenos trechos de histórias vividas nos livros alinhados na estante do seu quarto, o que fazia sem esperança de amaciar as arestas do tempo. O tempo escorria sem tempo.

Nem lhe dava tréguas à ansiedade a frequente consulta da *Internet* de assuntos correlacionados com a sua formação académica, de novidades científicas ou literárias.

Um dia, a instintiva curiosidade arrastou-a dos “sítios” de comunicação social, colocando um nome, ao acaso.

No monitor, apareceu uma lista de nomes iguais, contendo anódinas fotografias em que não reconheceu ninguém.

Clicou, ao acaso, num dos nomes e voltou a aparecer a mesma fotografia com elementos referentes ao titular. Nada lhe diziam as indicações pessoais nem a imagem da fotografia. Mas, por baixo da foto, existiam nomes de pessoas, que indicavam ser de amigos.

Na leitura desses nomes, encontrou um nome igual ao de um colega que conhecera na universidade a quem havia rejeitado a proposta com doces palavras de envolvimento interessado em futuro compromisso. A mente trouxe-lhe a imagem do olhar mendigo da proposta que havia sido feita.

Sem indagar donde lhe nascera a ousadia, continuou, curiosa, a devassar a pesquisa e obteve fotografia e indicações que correspondiam à reflectida suposição. Pela sumária referência, era o João Manuel e dizia-se divorciado, residente numa longínqua cidade do interior.

Hesitou uns segundos e, depois, o apelo foi mais forte. O subconsciente assomou, veio ao de cima e os dedos ligeiros escreveram uma mensagem a que obteve resposta. Depois, arrepiou-se, toda assustada, num baque. Não sabia se de estranheza se de arrependimento. E sentiu-se estranhamente ansiosa, nas horas seguintes, como se estivesse a trair o falecido marido.

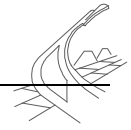
Nesse dia, ao fim da tarde, a campainha da porta teve um toque desconhecido, longo e pesado. A moldava foi ao visor e voltou a informar:

- Olhe, é um senhor, João Manuel, muito bem posto, com um grande ramo de flores. Que devo fazer?

- Ai!... Nem sei! E agora? Olhe, Natália, abra-lhe a porta... não vão as flores murchar...

*J. Carreto Lages*





## Ver é acontecer AMOR...

## A uns amigos

Um encontro... Um olhar...  
E a chama acendeu!  
O sol dentro da mão,  
Um tremor que desperta o coração,  
A lava que irrompeu  
E se lança no ar em turbilhão...  
Rasgou-se o infinito,  
Transformou-se o real em transcendente,  
O sonho em luz e cor se dissolveu  
E finalmente  
O milagre do Amor aconteceu!...

*Maria Celeste*



## O respirar do tempo

Uma chave que dói na fechadura.  
Uma casa inabitada. Lá dentro  
o olhar daltónico das paredes,  
a indecifrável cacofonia do abandono.

Lá dentro uma escada a pique,  
sombrias em valsa lenta sobre o pó,  
objectos que nos fitam como se em nós buscassem  
a memória do que foram.

Um dia talvez palavras soletradas no escuro  
ganhem cor  
e uma porta finalmente se entreabra  
e o respirar do tempo encha o peito da casa.

Bastará então puxar sem medo  
a teia das cortinas,  
deixar uma vez mais  
o sol entrar.

*Helena*

Gosto de vos ver por cá  
Nesta terra bacalhoeira  
Nesta terra onde nasci  
E que é minha, toda inteira

Vêm-na visitar  
Para já muito obrigado  
Aqui o cheiro a mar  
Anda à solta por todo o lado

E cheira a poesia  
A barcos e a velas  
Até o céu quem diria  
Tem portas e tem janelas

Vejam o sol e o luar  
Que nos guiam toda a vida  
Sextantes para navegar  
Desde a hora da partida

Vou-vos dizer, vão voltar  
Esta terra é saudade  
E é isso que vão levar  
Neste abraço de amizade

*Cachim*

## As nossas Leituras

### Revisitando o *Dinossauro*

*Excelentíssimo* de José Cardoso Pires

A pedido da nossa professora de Comunicação, peguei com grande expectativa no livro de José Cardoso Pires, "Dinossauro Excelentíssimo", publicado há quarenta anos (1972), quando eu era aluna da Faculdade de Letras de Lisboa e o país estava já próximo do fim do "marcelismo" e caminhava, a passos largos, para o 25 de Abril de 74.

O *Dinossauro Excelentíssimo* foi recebido com muito entusiasmo no meio académico, pois a censura estava em plena actividade, a P.I.D.E. continuava a prender os que ousavam criticar a política do Estado Novo, e, na nossa Faculdade, os contínuos, "gorilas" como lhes chamávamos, controlavam os nossos passos e registavam as conversas.

Lembro-me de ter lido com avidez o *Dinossauro Excelentíssimo* e de todos identificarmos, de imediato, o título como uma referência a Salazar





que se perpetuou no poder até 1968, ano em que caiu da cadeira e foi substituído por Marcelo Caetano, embora só venha a falecer um ano depois. Cardoso Pires satiriza muito bem este período final da vida de Salazar, ao referir-se à sua estátua que continua a ser adorada pelos *dê-erres* do seu Conselho de Ministros, "vestidos de luto e todos de óculos inteligentes, de chapéu na mão.

Nesta sátira, não escapa ao escritor a vida do ditador, desde a sua infância aldeã, em que "estudou por catecismo", a vinda para Coimbra, "templo dos doutores", onde se tornou um entre eles.

Foi um espanto, na época, como foi possível a censura, com o seu eterno "lápiz azul", deixar publicar uma obra que punha a ridículo a figura e o modo de governar de Salazar, que pensava sozinho, decidia sozinho e só ouvia a sua própria voz.

Os diversos nomes dados a Salazar ao longo da obra, são disso elucidativos: Dinossauro, Mestre, Imperador, Ordem, Voz, Doutor, Máscara, Excelentíssimo, etc.

Obra ousada de um grande escritor!

*Conceição Seabra*

E no fim de uma análise muito profunda da obra de José Cardoso Pires – *O Dinossauro Excelentíssimo* – nada como uma boa anedota da Lisete, para terminarmos a aula de Comunicação.

Está já descoberto quem matou o Salazar – disse a Lisete. Ninguém sabe? Ainda não descobriram? Então vou contar-vos quem foi o autor do crime.

No dia em que se soube que o Salazar tinha piorado muito, o Presidente Américo Tomás dirigiu-se ao hospital para o visitar, sabendo que, eventualmente, poderia não o voltar a ver. Ao chegar, ficou muito admirado com a quantidade de tubos que ligavam Salazar às máquinas e percebeu logo que tinha de continuar a desenvolver a sua missão.

Pediu uma tesoura, olhou para os tubos que ligavam o doente à máquina e proferiu: "Ora aqui estão mais umas fitinhas para eu cortar!"

*Área de Comunicação*

## ***Memórias da minha memória*** de Maria José Craveiro Rodrigues Valente

Um livro de memórias da sua família, da sua infância, da sua juventude e da profissão que desempenhou com tanto amor. Em suma, um livro de sonhos e de vida iluminado pelas fotografias de ontem e de hoje da autora.

## ***Memórias a mil vozes*** de Albertina Vaz, Conceição Cação, Dolores Topete, Fernanda Reigota, José Luís Vaz, Júlia Sardo e Maria Jorge



Um obrigada muito carinhoso aos autores deste livro pela oportunidade que me deram de, ao lê-lo, o ter completado como leitora. Sim, neste papel, eu também o burilei e enriqueci com mensagens outras que, a partir das palavras grafadas, escritas, saltaram do meu inconsciente, numa dança por vezes titubeante. Vou explicar porquê. É que, se eu não tivesse tido a missão de o apresentar, o passo teria sido mais leve; com a tarefa que me foi pedida, os passos tornaram-se menos soltos, por mais responsabilizados.

Começo pelo título do livro: *Memórias a mil vozes*. Título não apenas sugestivo e adequado ao tipo de trabalho desenvolvido em equipa, mas aplicável às vozes outras dos leitores que, vão ver, ressoarão em catadupa por também terem vivido experiências similares.

Mas continuando a dirigir-me aos autores de ontem deste livro, hoje apenas leitores, tenho de reconhecer a sua capacidade de trabalho, a sua capacidade de enquadramento em equipa, e, bem assim, a arte de tão bem misturarem num todo as palavras de cada um. Um trabalho notável; confesso que, mesmo procurando estar muito atenta, poucas vezes fui capaz de relacionar os enunciados com os sujeitos de enunciação ao longo das páginas deste trabalho.

Falando do modo como foram ordenando as suas memórias, há muitas histórias/retalhos/ numa história mãe que as acarinhou, tendo como maestros as personagens Ana e o Miguel – os avós que agregam a família de uma forma exemplar. **“Não acreditava no que nos estava a acontecer. Afinal até aí éramos só companheiros e amigos que**





**tínhamos muitas ideias em comum e pensávamos o mundo de forma muito semelhante. Naquele instante, tornámo-nos companheiros da vida e iniciámos um caminho de descoberta que se foi construindo a cada minuto que passava. (...) Foi o nosso primeiro beijo mas foi muito mais do que um beijo. Foi um pacto, uma promessa sem palavras, uma partilha que se prolongou no infinito do tempo que é nosso e que quisemos construir com os nossos filhos”.**

Muitas são também as problemáticas que vêm ao de cima ao longo destas páginas, balizadas com o antes e o agora: o amor, a amizade, a família, o casamento, o namoro, o valor do trabalho, a falta de liberdade, a guerra colonial, a emigração, o 25 de Abril, a emancipação da mulher, a democracia, as transformações que a família sofreu (divisão de tarefas, violência familiar, uniões de facto), a solidão, o aquecimento global, a necessidade de preservação do ambiente, o desemprego, o trabalho precário e a emigração entre outras. E sempre com grande oportunidade e algum realismo. E para que o ontem não se repita, não resisto a citar: “ (...) só duas coisas eram certas, o Tiago estava vivo e era desertor da guerra colonial. A seguir foram anos, foram países, foram problemas, foram saudades que, persistentemente, o afastaram do seu país, dos seus amigos, da sua família. Foram anos em que escrevia dez cartas para tentar que uma delas ludibriasse a acirrada censura, só para dar sinal de vida. (...) Mas o tempo, sim, o tempo encarrega-se de sedimentar o estigma do desertor, da mãe do desertor, dos irmãos, dos tios, dos primos de tudo ou de todos que, de alguma forma, tivessem a ver com uma pessoa que, pura e simplesmente, decidiu arriscar a vida, abandonando a guerra”.

A descrição de espaços, de lugares, de ambientes, de ocorrências, de encontros e de sabores entrelaça-se com a defesa de valores fundamentais, de ontem e de hoje.

Novamente um excerto a propósito de um espaço privilegiado referido no texto: a garagem. **“Ironia das ironias, andam para aí uns senhores que dizem que os portugueses investiram mal por terem adquirido as suas próprias habitações. Não têm com certeza uma casa como a minha, feita com tijolos, argamassa e forrada, toda ela, com amor (...). Nela prego, serro, martelo, furo, arrumo, corto, limpo, pinto e não sei que mais. (...) Ela tudo me permite! A minha garagem é um espectáculo, parece um comboio, é um canil, solidária com tudo o que precise de um tecto, deixa-me fazer tudo o que lhe fica bem (...) Ela permite-me a liberdade que qualquer outro**

**compartimento da casa não ousa sequer experimentar”.**

Em suma: Este é um livro que revisita o passado, fala das dificuldades do presente e projecta o futuro com uma mestria exemplar e pode, em meu entender, ser considerado como um bom guia para a vida. Usando as palavras do texto: **“Este livro leva os leitores a participar nas mudanças, nos caminhos, nas alterações da vida de todos, ao longo de quase um século”.**

*Maria Cacilda Marado*



## *Generalidades*

### **Lenda da Ponte Carlos – Praga**



A ponte Carlos é a ponte mais antiga de Praga, atravessa o rio Moldava, ligando a cidade velha ao castelo de Praga.

Carlos IV mandou iniciar a construção em 1357, mas a mesma só vem a terminar no século XV. Segundo a lenda, Carlos IV chamou três dos





homens mais sábios do seu reino, a fim de que lhe indicassem a maneira de construir a ponte de modo a que perdurasse por muitos séculos.

Tardaram a dar resposta, mas, perante a insistência de Carlos, anunciaram a sua brilhante ideia.

Seria necessário incorporar nos alicerces leite, ovos e farinha e obedecer à rigorosa colocação da pedra fundamental.

O rei ordenou então que os seus servos percorressem todo o reino, recolhendo os melhores ovos, leite e farinha. Foi dado início à construção, incluindo aqueles ingredientes.

Lenda ou não o que é facto é que, numa pesquisa efectuada em 2008, foram encontrados entre as pedras, vestígios de farinha e de ovos.

Fonte: Wikipédia – Língua Brasil cultura

*Maria Elisete Lebre*

## É Natal!



Época mágica. Nascimento de Jesus, de espiritual a pagã... Família, Crianças, Pai Natal, Alegria, Prendas, Doces, Luzes....

LUZ, PAZ... por outro lado, quanta Tristeza, Ansiedade, Azáfama, Frio, Fome.....

NATAL tempo de magia que leva àquela interiorização em que se sente necessidade de olhar para dentro e à volta de nós.

Tempo de emoções em que alegrias e tristezas revoam revoltas no interior de cada um. O barulho colorido das luzes confunde-nos e o sentido do que se está a celebrar obscurece e fica na penumbra dos acontecimentos.

Que, para além deste tempo de magia, as luzes não se apaguem nunca e em cada dia nos guiem, qual

farol, à Luz Daquela que dá sentido ao Natal. Que no Natal cresça dentro de nós a Alegria, a Felicidade, a Ternura e a Música com que, nos nossos abraços, queremos envolver os Outros. Que da Luz do Natal todos os dias irradie uma VIDA NOVA para a Humanidade.

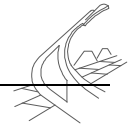
*M. da Glória Simões*

## Acontecer Natal

Viver é em nós deixar  
O Natal acontecer...  
Abrirmos de par em par  
As portas do coração  
E a quem de nós precisar  
Estender a nossa mão.  
Tratar todos por igual,  
Para todos ser irmão.  
Dar amor desinteressado,  
Praticar a caridade  
Que é ver Jesus a passar  
Em quem passa a nosso lado.  
Espalhar felicidade,  
Dar aos outros alegria.  
Viver é acontecer  
O Natal em cada dia...

*Maria Celeste*





## Sapato

Limpou o sapato;  
 E junto de um caco  
 amarelo torrado  
 com brasas ao lado,  
 o deixou aberto, roto,  
 escancarado...  
 Deitou-se na cama  
 de caixas e palha  
 ao lado de um gato;  
 dormindo, sonhou  
 com neve aos farrapos,  
 com mantas de trapos,  
 felpudos casacos...  
 Viu trenós e renas,  
 meninas pequenas,  
 vestidas de azul;  
 sonhou com calor,  
 com paz, com amor,  
 sem sangue entre os homens...  
 Sonhou com belhós,  
 rabanadas, filhós,  
 com vinho e com pão;  
 e até tinha ossos,  
 suculentos e grossos,  
 para dar ao cão!...  
 De manhã, acordou  
 e foi ver com o gato  
 o que tinha o sapato;  
 e junto de um caco,  
 amarelo torrado,  
 com brasas ao lado,  
 o encontrou aberto,  
 roto...  
 escancarado...

Vitor Marques



## A boneca

Não é conto de Natal, não começa por "era uma vez"; é vida partilhada que acontece nas relações com os outros, que eu privilegio.

No início deste mês, numa ida a um lar para visitar utentes conhecidos e amigos recebi um "mimo" especial do pouco que dou.

A Sra. Dolores, a quem todos os anos no Natal dou uma pequena lembrança, chamou-me à parte e segredou-me ao ouvido:

-Sãozinha, este ano, se me quiser dar uma prenda, dê-me uma boneca.

Fiquei deliciada, a Sra. Dolores tem 85 primaveras, a idade não conta quando se deixa falar o coração, quando apetece regressar a criança e reviver o amor, a naturalidade e a espontaneidade.

Foi um dia diferente, o meu coração encheu-se de alegria. O amor é uma enorme dívida que eu tenho, pelo pouco que dou e o muito que recebo.

A minha amiga Dolores está no lar, não porque quer, mas porque filhos e netos não têm espaço em sua casa para a acolher.

Neste Natal, ela vai ter uma boneca que é a magia dos "pequenos" e uma ajuda aos mais "crescidos", para encontrarem, na simplicidade de vida, o Deus Menino.

Conceição Matias

## Poema de José Régio



Surge Janeiro frio e pardacento,  
 Descem da serra os lobos ao povoado;  
 Assentam-se os fantoches em São Bento  
 E o decreto da fome é publicado.

Edita-se a novela do orçamento,  
 Cresce a miséria ao povo amordaçado;  
 Mas os biltres do novo parlamento  
 Usufruem seis contos de ordenado.

José Régio (1969)

**O ECOS DESEJA A TODOS UM FELIZ  
 NATAL!**